



TENSÃO SOCIAL / Onda de violência deixa 72 sul-africanos mortos após prisão do ex-presidente Jacob Zuma, nos mais graves distúrbios desde fim do apartheid. Na ilha do Caribe, ao menos 150 pessoas estão detidas ou desaparecidas depois de protestos históricos

Caos na África do Sul...

» RODRIGO CRAVEIRO

Portia Mashigo — locutora da Mams, uma rádio comunitária localizada na cidade de Mamelodi (provincia de Gauteng) — teve uma surpresa desagradável, ontem. Ao chegar para trabalhar, encontrou o estúdio vandalizado. “Os equipamentos foram saqueados. Nós estamos fora do ar. Ainda é incerto quando nos recuperaremos do imenso prejuízo”, lamentou ao *Correio*. A invasão ocorreu durante a noite, ninguém estava na emissora no momento do ataque. Em Durban (leste), a 641km dali, a empresária Karin Shave se recuperava, ontem, do trauma da véspera. Dona de seis lojas de decoração, ela teve dois estabelecimentos ocupados pelos vândalos. “Nem mesmo durante o apartheid experimentamos algo assim. É uma destruição em massa. Nossos negócios, propriedades, bens e carros foram destruídos e roubados, sem que houvesse consequência. É devastador, estamos arrasados”, contou à reportagem. A África do Sul enfrenta os piores distúrbios desde o fim do regime de segregação racial, há 27 anos.

Até o fechamento desta edição, a onda de violência deflagrada pela prisão de Jacob Zuma, na última quarta-feira, tinha deixado 72 mortos. O ex-presidente foi condeado a 15 meses de reclusão por desacato à Justiça, após se recusar a ser interrogado sobre casos de corrupção. Ao todo, 1.234 pessoas foram detidas, das quais 12 sob a acusação de terem provocado os distúrbios. Dez corpos foram encontrados, na noite de segunda-feira, em um shopping center de Soweto, a sudoeste de Joanesburgo. Segundo as autoridades locais, eles seriam de vândalos que morreram ao tentarem fugir das forças de segurança.

Funcionário de um posto de gasolina em Durban, Marko

Emmanuel Croset/AFP



Polícia de Johannesburg pisa sobre o braço de suposto vândalo, enquanto outro homem o agride com barra de ferro: revolta afeta duas províncias

Chingawo, 41 anos, classificou a situação como “muito ruim”. “Nosso estabelecimento está fechado desde ontem (segunda-feira) de manhã, ante o risco de distúrbios. Os pontos nevrálgicos dos saques são as províncias de Kwazulu Natal, onde moro, e de Gauteng”, disse ao *Correio*. De acordo com Chingawo, os simpatizantes de Zuma denunciaram tratamento injusto ao ex-chefe de Estado e convocaram manifestações em todo o país até que ele seja liberado. “Os protestos se tornaram violentos, e cidadãos se infiltraram nesses atos para saquear lojas e de-

pósitos, além de shoppings”, acrescentou. Soldados começaram a ser enviados para as duas províncias, na tentativa de restabelecer a ordem.

Vigilantes

Professor de inglês e DJ em Durban, Ian Trenor define o que ocorre nas duas províncias da África do Sul como “anarquia”. “Sem exagero! A maior parte dos shoppings sofre saques. Muitos subúrbios montaram bloqueios nas estradas e ruas, formados por vigilantes (civis voluntários que se voluntariam para controlar a segu-

rança pública)”, afirmou à reportagem. Apesar de reconhecer que a prisão de Zuma teve papel preponderante na crise, Trenor acredita que os temas subjacentes da revolta social sejam a pobreza em massa, o alto índice de desemprego e a corrupção, além da ampliação da quarentena por conta da covid-19. “Também são motivos a corrupção e a proibição sobre a venda de bebida alcoólica. Com a mobilização do exército, estou confiante de que as coisas vão acalmar.”

A emissora britânica BBC divulgou que, até segunda-feira, mais de 200 shopping centers ti-

nham sido alvos de saques. Vídeos divulgados pelas redes sociais mostravam cenas inimagináveis de pessoas carregando, inclusive, caixas eletrônicos. Em outras imagens, saqueadores eram espancados nas ruas com bastões. O ministro responsável pelas forças de segurança, Bheki Celi, prometeu que a polícia garantirá que a situação “não se deteriore ainda mais”. Em Soweto, antigo lar do ex-presidente antiapartheid Nelson Mandela, dezenas de mulheres, homens e crianças invadiram as câmaras frigoríficas de um açougue e saíram de lá com peças inteiras de carne sobre os ombros.

» Povo fala



MARKO CHINGAWO, 41 anos, funcionário de posto de gasolina em Durban (leste)
“Eu não sei o

Fotos: Arquivo pessoal

que acontecerá. O futuro é incerto. O dano provocado levará muito tempo para ser desfeito. As pessoas perderão seus empregos, agravando ainda mais a situação causada pela pandemia. A pobreza pode provocar instabilidade.”



PORTIA MASHIGO, locutora de rádio comunitária em Mamelodi (provincia de Gauteng)

“Nunca havia testemunhado violência de tamanha magnitude. Em algumas partes, pessoas comuns estão se levantando contra os saqueadores e protegendo os bens defuncionários. A situação saiu do controle, e graças à população a ordem está sendo gradualmente restaurada.”



KARIN SHAVE, empresária em Durban

“Esta é a situação mais confusa e assustadora do que qualquer coisa que conhecemos ou experimentamos. Não ficou claro quem está por trás de tudo isso, quem impulsiona essa destruição total. A resposta do governo foi fraca e totalmente incapaz de proteger as empresas.”

...e pressão sobre Cuba

Dois dias depois de a ilha socialista ser palco de protestos sem precedentes contra o regime, o ministro das Relações Exteriores de Cuba, Bruno Rodríguez, tratou de minimizar o fenômeno. “Em 11 de julho não houve em Cuba um estalo social, não houve pela vontade de nosso povo e pelo apoio de nosso povo à revolução e ao governo”, afirmou o chanceler, durante entrevista em que culpou os Estados Unidos pelos protestos. Ao mesmo tempo, organizações de defesa dos direitos humanos denunciaram Havana por detenções e por desaparecimentos forçados. O Ministério do Interior cubano reconheceu a morte de um homem de 36 anos durante passeata na periferia de Havana. Segundo a pasta, Diubis Laurencio Tejada participava dos “distúrbios”.

Nas últimas horas, intensificou-se a pressão sobre o regime do presidente Miguel Díaz-Canel. Washington instou o governo a pôr fim às restrições à internet e a libertar os manifestantes detidos. A Espanha exortou às autoridades cubanas a “soltura imediata” da jornalista Camila Acosta, colaboradora do jornal *ABC* (de Madri), detida depois dos atos de domingo. Ontem, cubanos exilados em Miami voltaram a protestar contra o governo da ilha. Foram registrados atos diante da embaixada de Cuba, em Brasília e em outras cidades, como Montevidéu (Uruguai) e San José (Costa Rica).

Joe Raedle/AFP



Manifestantes ocupam rodovia de Miami, em ato contra o governo do presidente cubano, Miguel Díaz-Canel

Em entrevista ao *Correio*, Erika Guevara Rosas, diretora para as Américas da Anistia Internacional, milhares de cubanos saíram às ruas para exercer o direito de “protesto pacífico” em 58 cidades do país. “Lamentavelmente, os protestos espontâneos e surpreendentes foram respondidos com os métodos repressores de sempre, detenções arbitrárias, uso excessivo de força e uma narrativa criminalizadora e estigmatizante por parte do governo. O presidente apareceu, em rede nacional de televisão, acusando as pessoas que protestavam de

serem ‘mercenárias vendidas ao império’, além de conchamar os simpatizantes ao combate”, afirmou. “Por enquanto, foi possível verificar, junto a defensores dos direitos humanos em Cuba, que ao menos 150 pessoas estão desaparecidas. Presume-se que tenham sido detidas de modo arbitrário. Houve casos de detenção ilegal seletiva, como a da jornalista Camila Acosta.”

Erika frisou que o governo de Díaz-Canel tem a obrigação de escutar a população cubana e atender a suas demandas sociais, assim como proteger e respeitar

os direitos de liberdade de expressão e de reunião pacífica. “A robusta presença militar e policial que monitora as ruas de Cuba é uma amostra da intolerância e do medo que o governo tem de que seu povo o fazer prestar contas de uma vez por todas”, disse a diretora da Anistia Internacional. Segundo ela, milhares de pessoas saíram às ruas, no domingo, exigindo “liberdade” e o fim da repressão. “Elas reclamam espaços de participação cívica na tomada de decisões sobre o presente e o futuro da ilha”, lembrou.

Ontem, o presidente do Co-

» Eu acho...



Evadisto Sá/AFP

“O governo de Cuba, em seu papel de vítima perpétua, culpa os complexos problemas sociais e econômicos causados pelo bloqueio econômico. Sem dúvida, ele desempenhou um papel negativo significativo no exercício de direitos econômicos e sociais, o que a Anistia Internacional tem denunciado reiteradamente e chamado ao governo dos EUA para que ponha fim a este embargo econômico e financeiro. Além disso, isso é usado como desculpa para instaurar uma política de repressão violenta contra qualquer forma de crítica e dissidência. O bloqueio não exige o Estado cubano, de nenhuma maneira, da obrigação do Estado cubano de proteger os direitos humanos.”

Erika Guevara Rosas, diretora para as Américas da Anistia Internacional

mitê de Relações Exteriores do Senado dos EUA, o democrata Bob Menéndez, descartou uma intervenção militar norte-americana em Cuba. “Nenhum governo republicano fez isso, nem mesmo o mais anticomunista”, apontou ele. “Então, vamos deixar isso de lado, porque é isso que os fidelistas querem. Os que mantêm o poder em Cuba querem promover isso.”

Bolsonaro e Lula

O presidente Jair Bolsonaro voltou, ontem, a criticar Cuba. Por meio do Twitter, ele afirmou que “a ditadura comunista cubana ataca duramente o seu povo que pede o fim do regime que o mantém na miséria, no atraso, e, até hoje, sufoca sua liberdade”.

Nas mesmas redes sociais, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva comentou, pela primeira vez, os protestos em Cuba. “O que está acontecendo em Cuba de tão especial para falarem tanto? Houve uma passeata. Inclusive, vi o presidente de Cuba na passeata, conversando com as pessoas. Cuba já sofre 60 anos de bloqueio econômico dos EUA, ainda mais com a pandemia, é desumano”, escreveu Lula, ao assegurar que “os problemas de Cuba serão resolvidos pelos cubanos”.

“Se Cuba não tivesse um bloqueio, poderia ser uma Holanda. Tem um povo intelectualmente preparado, altamente educado. Mas Cuba não conseguiu nem comprar respiradores por causa de um bloqueio desumano dos EUA”, reclamou. (RC)